

APRESENTAÇÃO

Abrimos esta edição da *Ruris* com a continuidade do dossiê Memória Camponesa, publicado no número anterior de nossa revista. Trazemos para os leitores mais três artigos sobre essa temática, que, a exemplo dos artigos publicados no número anterior, tratam o tema Memória Camponesa a partir de diferentes metodologias e enfoques analíticos.

Em “He andado por la vida y me he golpeado’: memoria de periplos y condiciones migratorias de cosecheros agrícolas”, Mónica Bendini, com a colaboração de Norma Steimbregger e Martha Radonich, compartilha com os leitores da *Ruris* análises sobre o tema da memória da migração em uma área rural da Argentina. A partir da história de vida de duas personagens que migram para a colheita de frutas nos vales do Rio Negro, a autora reconstrói as condições de vida e de viagens de trabalho, por meio das representações desses migrantes acerca dos ciclos vitais da família. Mónica Bendini retira o foco de atenção dos estudos sobre cadeias produtivas e traz para o centro da cena os trabalhadores sazonais que realizam colheitas de frutas em zonas áridas de agricultura intensiva. Ao descortinar os processos migratórios daquele país a partir da memória, a autora nos possibilita ampliar o espaço para o debate, ao revelar semelhanças e dessemelhanças com outros processos migratórios latino-americanos, em especial com os brasileiros.

O contraste entre dois *espaços de circulação discursiva* é a forma criativa e original como Ana Carneiro, no artigo “As duas ou mais mortes de Eloy Ferreira da Silva: narrativas de um crime político”, revisita o episódio do assassinato desse importante líder camponês ocorrido na década de 1980. Um dos espaços forma-se pelas notas de campo sobre o líder camponês advindas da observação participante, realizada pela autora no norte de

Minas Gerais para sua tese de doutoramento. Naquela ocasião, Ana Carneiro estabeleceu laços de amizade com parentes de Eloy, que lhe contaram causos sobre o episódio do assassinato. O outro espaço constitui-se no livro *Retrato da repressão política no campo – Brasil 1962-1985 – Camponeses torturados, mortos e desaparecidos*, publicação do projeto Direito à Memória e à Verdade, da Secretaria de Direitos Humanos e do Ministério do Desenvolvimento Agrário. Ana Carneiro, ao lado de Marta Ciocari, participou como pesquisadora de conteúdo e redatora dos textos dessa publicação. Nessa oportunidade, o interesse era o registro da memória de *grandes personagens de nossa história*, conforme explicitado na Apresentação do livro. “Quem seriam nossos personagens?” foi a pergunta de partida de Ana Carneiro e Marta Ciocari para a escrita de *Retrato da repressão*. O leitor verá que as autoras chegaram à resposta para a questão colocada anteriormente a partir de alguns pressupostos, como a formulação “o líder se faz na massa”, de Zé Pureza, falecido sindicalista da Baixada Fluminense. A redação desse livro proporcionou o reencontro de Ana Carneiro com a história de Eloy Ferreira da Silva, reencontro que possibilitou à autora contrastar memórias familiares do líder camponês e registros da memória política dessa personagem da atuação sindical, descortinando as diversas formas como esses *espaços de circulação discursiva* reconstruem *experiências vividas sob a imposição do silêncio*.

As memórias dos 25 participantes do Seminário Memórias Camponesas: as Ligas Camponesas na Paraíba, ocorrido em 2006, em João Pessoa, são os fios do novelo desenrolado por Ivan Targino, Emilia Moreira e Marilda Menezes, por meio do qual os autores tecem informações e acontecimentos da história das Ligas Camponesas na Paraíba. No artigo “As ligas camponesas na Paraíba: um relato a partir da memória dos seus protagonistas”, os autores descortinam memórias dos participantes do seminário, que se envolveram de diversas formas com as ligas: de ex-lideranças do movimento a familiares, advogados, médicos, estudantes, profissionais da imprensa,

deputados estaduais, delegado de polícia e juiz de direito. Relatos de entrevistas realizadas pela irmã Tonny van Ham com lideranças do movimento, bem como pesquisas acadêmicas e memorialistas sobre o tema também foram utilizados pelos autores para trazerem à luz relatos sobre informações e acontecimentos da história das Ligas Camponesas na Paraíba. Por meio dessas diferentes fontes de dados, os autores narram como era o *ambiente socioeconômico da Zona da Mata* paraibana, na década de 1950, o *surgimento da Liga de Sapé e a difusão do movimento, as estratégias de ação e a organização das ligas*, bem como *a repressão às ligas camponesas*. Ao descortinarem esses acontecimentos e informações, os autores ressaltam que as Ligas Camponesas na Paraíba foram o movimento camponês mais importante da história desse estado, movimento que influenciou transformações ocorridas na organização social e econômica na região da Zona da Mata paraibana.

Com os três artigos apresentados anteriormente, fechamos nosso dossiê Memória Camponesa e nos enveredamos novamente por caminhos que enfocam diferentes perspectivas metodológicas e analíticas para trazeremos aos leitores, na seção Artigo, três contribuições de pesquisadoras nacionais acerca da temática rural no Brasil.

Apartir de uma pesquisa de cunho essencialmente etnográfico, pautado nos relatos daqueles que residem há mais de 60 anos em uma comunidade de fundo de pasto localizada na região norte do semiárido baiano, além do diálogo com os trabalhos de Woortmann (1995) e Godoi (1999), Elisa Camarote, em “Territorialização e parentesco em uma comunidade baiana de fundo de pasto”, analisa *a formação da configuração territorial* de Lages das Aroeiras. Como ressalta a autora, a história de Lages das Aroeiras, bem como as características socioculturais somam-se e tornam-se indistintas tanto da história da família Cardoso da Silva, quanto da sua organização social. Diante desse cenário, a autora articula espaço e descendência e revela como as relações de parentesco se formaram como uma das principais chaves

analíticas para a compreensão do processo de territorialização e autoidentificação dos habitantes de Lages das Aroeiras.

O entrecruzamento de inventários *post mortem* (1820-1888) com um conjunto de fontes pré-censitárias, como, por exemplo, mapas de população de 1833-1835 e listas nominativas de 1838, foi traçado por Leonara Lacerda Delfino no artigo “Padrão de posses escravistas no município de Pouso Alegre (MG), no século XIX: enquadramentos da população escrava”. Realizar esse tracejado, a partir de instrumentos como taxa de africanidade, média entre crianças e mulheres cativas, estrutura etária, razão de masculinidade, dentre outras ferramentas que possibilitam elucidar a conformação da estrutura de posses de escravos no município de Pouso Alegre (MG), permitiu à autora elaborar um mapeamento da população escrava desse município que se formava como entreposto comercial sul-mineiro, bem como se inseria na rede Centro-Sul de abastecimento interno ao Rio de Janeiro, no período oitocentista.

Para finalizarmos este número da *Ruris*, Elaine Lacerda, no artigo “Associação Brasileira do Agronegócio (Abag) e a institucionalização dos interesses do empresariado rural no Brasil”, desenvolve uma contribuição original para o conhecimento sociológico do assim chamado “agronegócio”, analiticamente construído pela autora enquanto uma recente configuração ideológica do empresariado rural brasileiro. Nesse artigo, é notável a paciente demonstração do empenho dos intelectuais orgânicos da burguesia agrária em legitimar seu projeto de classe como se fosse um projeto de desenvolvimento social e ambiental de toda a nação brasileira.

Carmen Silvia Andriolli
Pós-doc/PPGAS/MN/UFRJ
Ceres/IFCH/Unicamp

Fernando Antonio Lourenço
Departamento de Sociologia
Ceres/IFCH/Unicamp